PROBLEMATA
International Journal of Philosophy

Problemata - Revista Internacional de Filosofia
v. 16. n. 1 (2025), p. 257-265 ISSN 2236-8612
doi:10.7443/problemata.v16i1.72759

EXPERIENCIAR O FILOSOFAR E OS MUNDOS POSSÍVEIS NA AULA DE FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

EXPERIENCING PHILOSOPHIZING AND THE POSSIBLE WORLDS IN PHILOSOPHY CLASSES IN BASIC EDUCATION

Junot Cornélio Matos[1]
Gildimar Guilherme da Silva[2]

Resumo:
O artigo tem como escopo buscar possibilidade para pensar o ensino de filosofia no chão da escola. A premissa fundante assenta-se na ideia de que uma filosofia doutrinária, deslocada da vida do aluno, centrada na suposta autoridade do docente não é capaz de seduzir e mobilizar a garotada. Centramo-nos, a então, a nos perguntar qual os pensares possíveis do filosofar no chão da escola, e quais são as repercussões dos questionamentos expressados pelos estudantes. Apoiados em Deleuze e Guattari, (2010) ocupamo-nos da temática dos mundos possíveis, e, acompanhados de Larrosa (2014), tentamos especular pela questão da experiência. Como experienciar esses mundos mediados pela sala de aula? Em tal caminhar adentramos na escola como sendo um desses mundos onde o filosofar pode ser experienciado.

Palavras-chave: Experiência, Filosofar, Sala de Aula, Educação Básica

Abstract:
This article aims to explore possibilities for thinking about the teaching of philosophy within the school environment. The fundamental premise is based on the idea that a doctrinal philosophy, detached from students' lives and centered on the supposed authority of the teacher, is not capable of engaging and mobilizing young learners. We focus, then, on questioning the possible ways of philosophizing in the school setting and the repercussions of the inquiries expressed by students. Drawing on Deleuze and Guattari (2010), we engage with the theme of possible worlds, and, guided by Larrosa (2014), we attempt to speculate on the notion of experience. How can these worlds be experienced through the classroom? Along this path, we approach the school as one of these worlds where philosophizing can be lived and experienced.

Keywords: Experience, Philosophizing, Classroom, Basic Education

[1] Professor do departamento de Filosofia (CFCH/UFPE). Professor do mestrado profissional (PROF-FILO) núcleo UFPE, e do mestrado acadêmico em Direitos Humanos (PPGDH). E-mail: junotcmatos@gmail.com, ORCID: 0000-0002-0669-2066
[2] Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Docente na Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), *Campus* II. E-mail: gildimar@uneal.edu.br. ORCID: 0000-0002-4876-9682

Uma introdução que não se permite ser começo

Não há filosofia!
Não há filosofia quando escolhemos apenas uma forma de pensar...
Não há filosofia quando insistimos em ser o mesmo...
Não há filosofia quando negamos ao outro o direito ao ócio...
Não há filosofia quando não possibilitamos à construção do pensar criativo...
Não há filosofia quando o filosofar foi condenado a 50 minutos em uma sala...
Não há filosofia quando a experiência foi deixada de lado por não haver tempo...
Não há filosofia quando decidimos transformar nossas aulas numa receita pronta...
E, por tantas coisas que aqui deixamos de mencionar, não há filosofia!

Gildimar Guilherme[3]

Negamos a introdução conceitualmente normatizada e institucionalizada pelos saberes que adentraram a escola e tudo que aqui descreveremos foge as regras da norma culta e curricularizada, apresentada pelas metodologias criadas para descrever as experiências conceituais e filosóficas, atravessadas pelo mundo da vida, de forma linear e ou institucionalizadas.

Dizemos não a linearidade/curricularidade quando alguns sujeitos insistem numa filosofia enciclopédica para o ensino médio, quando nos é informado, pela gestão da escola ou sistema de ensino, que a aula tem 50 minutos numa segunda feira pela manhã, a primeira aula da semana. Todavia, ainda que não fosse um começo optamos por começar com um poema que se nega ser o começo quando deixa claro que não há filosofia na escola e exemplifica citando a realidade de tantas escolas espalhadas pelo mundo, dentre elas, as brasileiras.

Insistimos noutras formas possíveis de pensar a filosofia na escola de educação básica e nos perguntamos quais contribuições tem os questionamentos feitos pelos alunos nas nossas aulas e nos demais espaços da escola, quando nos instigam a pensar o que é a filosofia ou qual filosofia ensinamos, fazendo da escola uma escola da vida e para a vida, indo além do que é proposto pelo sistema educacional brasileiro. (Brasil/BNCC, 2017).

Poderíamos pensar a experiência do filososar na escola a partir de vários filósofos ou correntes filosóficas, optamos por pensar com Deleuze e Guattari (2010, p. 7) quando na introdução do livro "O que é a filosofia?" despertando em cada um de nós o porquê de só chegarmos a uma consenso sobre o que é a filosofia "Quando nada mais resta a perguntar", quando nos deparamos com acontecimentos, experiências e conceitos semelhantes às peças de um quebra-cabeça que não se encaixa e como essas desconexões possibilitam ao sujeito identificar as conclusões-inconclusas sobre se de fato chegamos ao fim, este percebido só na velhice, ou se pelo menos chegamos à um lugar confortável para pensarmos as contribuições da filosofia que chegou a escola e como ela recebe os questionamentos feitos pelos alunos.

Para além do que nos foi apresentado na atual conjuntura sobre o que é ou não é filosofia, sobre se de fatos filosofamos ou não na educação básica e as duras e injustas críticas a filosofia na escola, críticas, estas, desprovidas de conhecimento sobre a realidade, escrevemos o poema acima como possibilidade de espanto, construído com o objetivo de aprender a pensar sobre as perguntas feitas pelos alunos durante as nossas aulas, pelas conversas nos corredores da escola e em

[3] Poesia autoral apresentada na mesa de abertura do I CEFIL – Colóquio do Ensino de Filosofia da UFPE, 02 de dezembro de 2019.

outros espaços possíveis para comunicar, se bem que a filosofia não se valha da comunicação, nem da reflexão, ela cria os conceitos e através deles constrói os espaços para responder as questões do seu tempo.

A escola de educação básica, e em particular a aula de filosofia, é o primeiro lugar onde formalmente o aluno começa a construir seus próprios conceitos sobre o mundo da vida, é ali, naquele espaço, que junto aos demais colegas aprende a substituir a confiança pela desconfiança, começa a intuir, a perceber que a sabedoria não envelhece e que o conceito não morre, ele reaparece conforme os acontecimentos vivenciados pelos sujeitos (nesse caso, o aluno) vão se tecendo pelas relações na cotidianidade. (Bosch, 2006).

Experiência e mundos possíveis na aula de filosofia

Existem experiências-de-mundos plurais oriundos dos acontecimentos e da cotidianidade (Brougère; Ulmann, 2012) e mundos-possíveis na aula de filosofia, "esse mundo possível não é real, ou não o é ainda, e todavia não deixa de existir: é um expressado que só existe em sua expressão..." (Deleuze; Guattari, 2010, p. 24-25), na escola são criados pela singularidade de cada aluno, isso porque, existe um eu-mundo singular-plural que busca o significado para as máscaras construídas pela sociedade normativa como impossibilidade de tornar real a pergunta, a linguagem, a vida do eu-mundo.

Com o objetivo de construir mundos plurais, a partir das aulas de filosofia, substituindo a confiança irrefletida pela desconfiança diante do que estar sendo apresentado com verdades/saberes curricularizados, buscamos compreender as experiências conceituais e filosóficas do existir a partir das construções múltiplas e unas, e das reflexões feitas durante a trajetória escolar, através dos acontecimentos e experiências possíveis. (Larrosa, 2014).

Tecer os acontecimentos e conceitos filosóficos com bases nas experiências vividas (o modelo de ensino vigente) no dia a dia da comunidade escolar passa a ser o grande desafio enfrentado pelos alunos no ensino médio brasileiro. A escola de educação básica, enquanto instituição formadora, esquece ou desconhece que toda construção filosófica de mundo é singular, nasce de si, como inquietude do ser pensante que busca incansavelmente respostas para os questionamentos sobre si e sobre o mundo.

A busca incessante por compreender si mesmo, presente com maior enfâse na pergunta elaborada pelo aluno do ensino médio e atravessada em sua grande maioria pela incompreensão diante da negação dos desejos, da negação do eu-outro e pelo perguntar castrado na infância (Dolto, 1990), onde toda experiência é singular-plural, mediada pelos conceitos e experiências-outras, estas que por sua vez foram apresentadas sempre na coletividade, esquecendo e/ou anulando a subjetividade do ser-aluno.

Para alguns alunos da educação básica as experiências de mundo da vida são indizíveis. Segundo Rilke (2013, p. 23) "realiza-se em um espaço que nunca uma palavra penetrou". O mundo como experiência possível ou enquanto conceito não é dado, o conceito que nos apresentam apriori nos dicionários segue uma definição plural e generalizada, excluindo a possibilidade do aluno de criar e recriar uma vez que o mesmo já está criado.

Se pensarmos a experiência aposteriori como um mundo conceitual e os mundos possíveis numa aula de filosofia, dentre as experiências podemos dizer que escrever/pensar as experiências de mundo ainda é algo difícil, falta incentivo,

motivação para produzir uma reflexão filosófica elaborada.

E, aqui nasce um problema, a grande maioria dos alunos brasileiros só terão uma aproximação efetiva com a filosofia no ensino médio, e com esse novo ensino médio[4], ficou ainda mais complexo, ficando por conta do professor mediar esse contato, o que nem sempre é fácil, se levarmos em consideração o tempo que o mesmo fica em sala com os alunos.

A experiência filosófica construída/mediada na sala de aula de filosofia sobrevoa os acontecimentos na escola e fora dela, estes são indizíveis, o sobrevoo seria a experiência dizendo quantos mundos tem um acontecimento. A cotidianidade do mundo da vida diz o acontecimento, porém não acessa a sua essência, o ato de dizer torna-se experiência-conceitual, onde inconsciente deixa aparecer partes, fragmentos de mundos possíveis, a aula de filosofia é povoada dessas experiências fragmentárias, a junção destas experiências possibilita pensar os contornos irregulares do perguntar filosófico, que os torna únicos.

Pensar é algo involuntário ao sujeito no mundo da vida, porém devemos apresentar a ele a filosofia e o filosofar, e ele poderá escolher se filosofa ou não... Diante desse lugar que se tece pela relação professor-aluno, podemos nos perguntar o porque de alguns acontecimentos provocarem um novo olhar para as experiências e noutros momentos nem os percebemos? Poderíamos pensar sobre o fato de não estarmos nunca sobre o mesmo plano-experiência- conceitual e se esse fato justifica o despertar parcial do sujeito para com a realidade.

Despertamos para algumas experiências sobre o mundo da vida e não para tantas outras e muitas coisas precisam acontecer, por exemplo as experiências vivenciadas fora e dentro da escola, por serem fragmentárias, carregadas de acontecimentos singulares e plurais, deixamos passar despercebidas (Larrosa, 2018), assim como, os acontecimentos sobre aqueles corpos que habitam o espaço escolar, em algumas ocasiões fica evidente que não temos interesse em ajudar/experienciar com o outro, não compreendemos o outro como extensão do eu, fugimos ou não compreendemos que onde quer que estejamos somos unos e múltiplos.

Diante de tantas realidades sem-ditos, sem feitos, sem nada, é necessário e urgente pensar o professor em sua totalidade, pensar as múltiplas atividades exercidas pelo mesmo e o impacto causado nas suas aulas, pensar o silêncio sepulcral no olhar dos professores, o diálogo desconexo, o automatismo, as noites de isolamento e solidão, as leituras feitas nas madrugadas, na sala vazia, na casa deserta...

O corpo abandonado sobre centenas de avaliações, a consciência sem território, nos convida a pensar a juventude e a velhice quando se é jovem, entre o ambiente de resistência como lugar de luta/fuga, lugar por e para acontecer e a cada amanhecer/anoitecer fazer a pergunta: Qual filosofia poderia descrever o não-dito, o não-saber, os mundos possíveis e as experiências na escola da vida e para a vida?

O acontecimento e a experiência do filosofar passou despercebido pela ótica do mais do mesmo? Talvez, diantes dessa nova conjuntura, não tenhamos respostas plurais para as questões relacionadas a aula de filosofia como experiência e acontecimento, estamos construindo mundos possíveis e chegamos à

[4] O Novo Ensino Médio foi aprovado pelo congresso brasileiro conforme a Lei nº 14.945, de 31 de julho de 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2024/agosto/sancionada-lei-que-reestrutura-o-ensino-medio>. Acesso em: 04 ago. 2024.

conclusão-inconclusa que é a hora de "deixar de cuidar do que se cuida e passar a cuidar do que está abandonado" (Kohan, 2009, p. 29).

Percebemos que estávamos no meio do caminho, horas sozinhos e horas em grupos, "o próprio destino é como um tecido maravilhoso, amplo, no qual cada fio é conduzido por dedos de uma delicadeza infinita, posto ao lado de outro fio, ligado centenas de outros que o sustentam" (Rilke, 2013, p. 34), buscávamos compreender o contexto escolar onde estávamos inseridos, sem questionarmos sobre um possível começo, esquecemos que a escola já existia antes de nós e que está sempre em construção.

Talvez seja por isso que a escola se mantenha tão viva, por ser sempre acontecimento e ruptura, por estar sempre fragmentando a totalidade e ao mesmo tempo sendo responsável pela união do pensar diferente, escolhemos um caminho, que nos permitisse tecer as experiências mediante acontecimentos vivenciados por pequenos grupos (sala de aula) que anseiam por respostas para as perguntas da escola da vida.

E, o que fazer com as perguntas escrita/tecida no corpo/pensamento pelas filosofias e pela escola da vida? A escola que deveria ser "da vida" e construtora de "novas vidas" acabou virando pesadelo para quem ali não encontra sentido para suas perguntas. A evasão escolar é o extremo dos casos, doravante para o aluno construir seu próprio espaço pode virar um pesadelo, e não há nenhuma medida de tempo nesse caso, passa a ser a missão maior do aluno no ensino médio, numa escola "de todos" que sempre está em construção, buscar respostas para as perguntas que não lhes pode ser dadas, por que não foram pensadas.

De maneira trivial, sentíamos que para além dessas perguntas, o corpo do aluno, do professor e da escola como um todo, buscava responder a si mesmo o sentido da sua existência, do real motivo de estar na escola, buscavam compreender na poesia, na literatura, na filosofia e na ciência algo que pudesse responder a pergunta pelo existir e pela finitude que lhe fora apresentada desde cedo.

Como uma lagarta que sai do casulo, como uma flor que desabrocha ao amanhecer... percebemos o hiato entre o começo e o fim, inconclusos, experientes sem experiências e conscientes que a experiência de mundos possíveis do outro não anula a nossa**,** pelo contrário, nos inspira a buscar identificar os acontecimentos e experiências até então desconhecidas para justificar o contexto que estamos inseridos.

Será que tudo que acontece é sempre um novo começo? O tempo de aprender é um longo período marcado pelo imprevisível e aqui está uma dentre as possíveis respostas para a vida, ela é acontecimento, e acontece de forma única para cada pessoa.

Queremos resultados imediatos na educação, não levarmos em consideração uma filosofia menor presente no dia a dia na escola, mas não menos importante, um fazer filosofia nas coisas simples, nos pequenos acontecimentos e experiências, no "tornar-se algo, tornar-se um mundo, tornar-se um mundo para si mesmo". (Rilke, 2013, p. 65).

A escola da vida e para a vida: a sala de aula e o tempo como um lugar possível

Qual o espaço do aluno na escola? Soa estranho a afirmação a seguir: dentro da sala de aula, confinado entre 4 paredes, por um período de aproximadamente 5

horas aulas para as escolas regulares e de 9 horas aulas para as escolas de tempo integral. E, há algo que instiga o aluno a desejar sair dela antes de concluir o ensino médio, para que isso não ocorra esse aluno precisa sentir-se como membro da escola, possuir uma identidade para dizer "eu sou" pois ele por vezes percebe, pela conjutura impositiva e institucionalizada pelo currículo virgente, que é mais um número no senso/diário escolar, e parcialmente compreende as dificuldades estruturais ali existente.

Continuamos a trilhar essa proposta de uma escola da vida e para o mundo da vida, diante dessa jornada novas perguntas foram surgindo, dentre elas, qual o sentido da aula de filosofia para o aluno na educação básica? Concluímos que a grandeza da aula será mensurada com base nas experiências e acontecimentos, estes excluídos da escola há um bom tempo (Larrosa, 2018).

Na escola de educação básica contemporânea só existe espaço para os experimentos de natureza prática, os saberes instituidos, o pensar enquanto experimento/experiência foi excluído da escola pela técnica do mais do mesmo, imposta pelo ensino neo-liberalismo. (Laval, 2004). Cada vez mais produzimos técnicas para justificar a ausência do pensamento e do ócio criativo na escola e nos demais espaços da sociedade, negamos a subjetividade.

A cultura de massa na contemporaneidade, tem prometido a felicidade e ao mesmo tempo tem negado qualquer possibilidade de produção de saberes-plurais, nega o outro em quanto ser- pensante, nega as diferenças em nome de uma igualdade, porém não sabemos qual igualdade será tida como base equitativa.

Ousamos nos perguntarmos sobre se seria possível mensurar/dizer quantas experiências de mundo existem no olhar do aluno para com a aula de filosofia? Cada olhar se perde na totalidade, alguns nunca conseguiram compreender a aula como espaço de uma construção fragmentada e o professor ali na sala de aula como mediador é a pessoa que está apta para realizar a junção dos fragmentos (perguntas, comentários, etc) feito pelos alunos durante a aula.

A sala de aula como lugar possível para o filosofar sobre o tempo como um lugar possível é composta de pequenos grupos formando uma única turma, talvez por pensarmos que são uma unicidade, esquecemos de pensar o sentido da pluralidade de ideias e olhares diante da aula, só conseguimos ver e pensar até onde nosso saber/cognição alcança e esses grupos de alunos tem uma linguagem própria e por que não dizer um código que o identifica como membro do grupo.

Semelhante as peças de um quebra-cabeça que não se encaixam, muitos alunos têm dificuldades de expressarem suas ideias para a turma durante a aula, o professor não sabe o que se passa através do olhar do aluno, onde sua voz fica apagada e tudo flui como se nada tivesse acontecido, no entanto o perguntar nunca se esgota, porém o pouco tempo que o professor tem em sala para transformar o aluno, acaba anulando algumas experiências e evidenciando outras tantas.

Segundo Dolto (1990), o aluno dirige toda sua energia para o grupo de companheiros de escola, de esporte ou de outros com o qual se identifica, se reconhecendo enquanto pares. Ela afirma que:

> Não só os professores de disciplinas escolares, mas também os professores de esporte, de arte. Cabe a eles darem voz a criança, ao adolescente, pedindo sua opinião, seu parecer sobre uma luta, uma competição, uma exposição. E que não deem o direito de falar apenas às vozes forte que se impõem, mas a todos os que têm opinião e ficam calados. Trata-se de incentivá-los: "Você não diz nada, mas tem um comentário a fazer. Vi como observava a partida, você tem sua opinião sobre este ou aquele jogador." O jovem interpelado percebe que, mesmo não se

> tendo salientado entre os mais ativos, tem importância no conceito desse professor que se interessa por ele, e isso pode salvar um garoto que, em casa, é anulado pelos pais. (Dolto, 1990, p. 21-22).

A mal-dita realidade na escola de educação básica contemporânea é que os aspectos socioeconômicos influenciam diretamente nos grupos que eles escolherão e na formação desses alunos, as perguntas feitas em sala durante as aulas, estão associadas a realidade onde estão inseridos, o mundo que se tece na escola aparentemente não está contra nós, mas não devemos confiar tanto nele, "o medo do inexplicável não empobreceu apenas a existência individual, também as relações entre as pessoas foram limitadas por ele". (Rilke, 2013, p. 78).

Ensinar as diversas teorias presentes no currículo escolar para enriquecer a experiência do aluno de nada adianta, se não dialoga com o mundo onde ele estar inserido com os seus pares, ele tem aversão a tudo que é imposto quando não consegue ver sentido naquilo que faz e de fato não tem sentido em repetir saberes ingessados, saberes que se apresentam distantes da realidade de mundo por vezes levam o aluno a abandonar o espaço escolar.

Devemos ter o cuidado para não universalizarmos uma escola-modelo[5], negando as possibilidades de escolas e mundos possíveis na construção do saber nas aulas de filosofia ou de qualquer outro componente curricular ou ainda afirmar que ali nas demais escolas nada acontece. E, acabamos fazendo isso... não podemos usar conceitos ou experiências filosóficas como universais, cada cultura, entenda-se aqui, cada povo, cada escola, cada sala de aula aplica suas regras da melhor maneira visando construir uma ordem para a comunidade ou grupo local.

O que podemos pensar é se ainda podemos acrescentar algo no discurso sobre a escola da vida, esta que constantemente deve ser melhorada e porque demoramos tanto para entender que a vida tem muita labuta? O que não justifica a negação do ócio pela comunidade escolar.

O grande desafio da escola vida, presente na educação básica, se tece pelas experiências filosóficas, pelo filosofar e pelos acontecimentos em todas as etapas formativas e se fosse de outra maneira, talvez seria o que está sendo, mais do mesmo. Na condição de professor mediador, ainda que um pouco tarde, se olharmos para um possível começo, resgatar as particulares do fazer filosofia na escola que dada as circunstância estão inseridos.

Hoje, apesar da conjutura imposta pelo novo ensino médio, podemos pensar num aluno plural, consciente que ser aluno numa comunidade indígena ou numa periferia, na zonal rural ou urbana, tem suas especificidades. Os ritos, as tribos e/ou grupos, os clichês, e tantos outros fatores éticos e morais, irão contribuir e inferir na formação desse aluno.

Covardemente os sonhos dessa geração que tece o fazer escola serão induzidos por um "sistema capitalista" que determina as regras, tornando-o incapaz de construir sua própria identidade, o aluno da educação básica sabe das limitações e as enfrenta, inúmeras vezes acaba sendo (in)compreendido, a incompreensão leva esse aluno do mundo da individualidade para o mundo do individualismo.

Os clichês, tais como, "parar de sonhar", "acordar pra vida", "deixar de

[5] Cf. G1 AL. Alagoas tem cinco escolas com nota máxima no Ideb e fica com o 2º melhor desempenho nos anos iniciais do país. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2024/08/16/al-tem-cinco-escolas-com-notas-maximas-no-ideb-e-fica-com-2o-melhor-desempenho-nos-anos-iniciais-do-pais.ghtml>. Acesso em 18 ago. 2024.

sonhar alto" e entre tantos outros na maioria das vezes são pronunciados por adultos que compõe o ciclo familiar. "Desrotular" o aluno é uma forma de pôr novos rótulos, o fato de que um determinado grupo não ter mais um contexto no qual o aluno possa ter uma identidade para com ele, leva-o de imediato a buscar um novo grupo que se identifique. Isso pode ser na escola, na igreja, no bairro onde mora, e até mesmo na relação com os parentes de primeiro grau.

Em cada grupo, esse aluno tem um papel diferente, ele aprenderá com o tempo e as experiências e conceitos construídos na escola a ocupar uma posição, que lhe permita observar e questionar quando for o momento certo.

Chegou a hora de fazer filosofia? E antes, o que fazíamos? Voltamos ao começo

Ainda somos os mesmos? As pequenas práticas, o que esperamos delas? Pouco mais de uma década depois da regulamentação da lei que oficializa o ensino de filosofia em todo o ensino médio brasileiro, ainda continuamos a perguntar e perguntar-se sobre qual filosofia chegou escola, continuamos a dizer que apesar das dificuldades encontradas e construídas, amanhã há de ser outro dia... porém, não temos que esperar pelo amanhã, quando as perguntas ainda são as mesmas, quando os avanços são mínimos se comparados com outros saberes.

Agora mais que nunca é a hora da filosofia, de pensar a filosofia que chegou a escola, de construir diálogos e interfaces filosóficas, promovendo o despertar nas mais diversas formas de existência e compreensão do eu enquanto sujeito pensante. Precisamos urgentemente reinventar o espaço escolar, estamos no século XXI e o modelo criticado por décadas continua sendo aplicado nas escolas brasileiras, fazendo que com que haja apenas uma mera repetição dos saberes impostos por uma minoria sob a proteção da curricularização.

Os alunos saem do ensino médio com aversão à filosofia devido ao método aplicado pelo professor em sala de aula. O livre pensamento constrói a sociedade plural e esse é o grande desafio da atualidade, a forma como será introduzida a escola na vida dessa geração, e sendo um desafio a ser superado e construído de conceitos e não-saberes, passa a ser um fenômeno para os filósofos e pesquisadores da educação no Brasil.

A hora da filosofia é agora, pois a filosofia é devir, é possibilidade, é coexistência. Eu não sou mais eu, disse Deleuze e Guattari (2010, p. 78) para eles o destino do filósofo é transformar-se em personagens conceituais, o professor é um personagem conceitual é o sujeito de uma filosofia que possibilita a construção de mundos possíveis.

O modelo atual não atende as expectativas do aluno, pois "não são dois amigos que se exercem em pensar, é o pensamento que exige que o pensador seja um amigo, para que o pensamento seja partilhado em si mesmo e possa se exercer" Deleuze e Guattari (2010, p. 85) a relação professor-aluno na atual conjuntura não possibilita ser amigos, não existe tempo para, a aula é tida como uma folha em branco que assusta-o, falta-lhe experiência construída com base nos acontecimentos, a construção conceitual se limita a pensar as questões e conceitos pertinentes ao seu tempo, esquecendo que uma ideia não surge do nada. As pequenas práticas foram sendo retiradas para dar lugar ao mais do mesmo.

Referências

BOSCH, Eulália. **Quem educa quem?** Educação e vida cotidiana. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006.

BRASIL. MEC. **Base Nacional Comum Curricular.** 2018. Disponível em:

<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2023.

BROUGÈRE, Gilles; ULMANN, Anne-Lise. (Orgs.). **Aprender pela vida cotidiana.** Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é Filosofia?** Trad. Bento Prado Junior e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 2010.

DOLTO, Françoise. **A causa dos adolescentes**. Trad. Julieta Leite. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

GALLO, Sílvio. **Metodologia do ensino de filosofia:** uma didática para o ensino médio. Campinas, SP: Papirus, 2012.

LARROSA, Jorge. **Esperando não se sabe o quê**: sobre o ofício de ser professor. Trad. Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa:** o neo-liberalismo em ataque ao ensino público. Trad. Maria Luiza M. de Carvalho e Silva. Londrina: Editora Planta, 2004.

O direito de ser adolescente: oportunidades para reduzir vulnerabilidades e superar desigualdades. Brasília: UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância, 2011.

RILKE, Rainer Maria. **Cartas a um jovem poeta**. Trad. Pedro Süssekind. Porto Alegre: L&PM, 2013.

Recebido em: 08/2024
Aprovado em: 12/2024